



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

03 de abril de 2014

Diário Catarinense

Moacir Pereira

"Protesto"

Protesto / Servidores / UFSC / Joinville / Reivindicações / Reitora / Roselane Neckel



Diário Catarinense

Marcos Espíndola

"Spollium – As Irmãs Siamesas"

Spollium – As Irmãs Siamesas / Grupo de Teatro / O Dromedário Loquaz / Teatro da UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC



Diário Catarinense
Diário do Leitor
"De costas para o futuro"

De costas para o futuro / Professor / Sergio Colle / Universidade Federal de Santa Catarina
/ UFSC

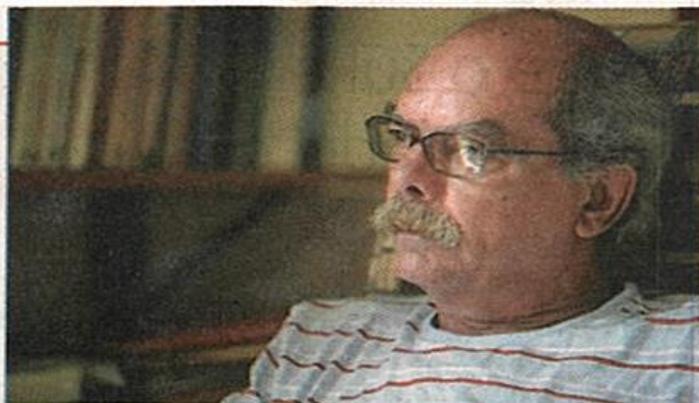
De costas para o futuro

A presidente governa de costas para o futuro. Não cessa de mirar-se nos falidos países vizinhos, segundo a sua ideologia esquerdista. O Brasil isola-se do mundo em prosperidade e desce a rampa com índices desabonadores na economia, educação, infraestrutura, violência, energia e corrupção. A indiferença da presidente em relação a violação de direitos humanos na Venezuela parece confirmar que o epicentro da diplomacia brasileira está em Cuba. Aos pobres ela destinou semiescravos médicos controlados por sabujos comunistas, violando a Constituição.

*Sergio Colle,
professor da UFSC
Florianópolis*

Notícias do Dia
50 Anos do Golpe
"Celso Martins"

Celso Martins / Celso Martins da Silveira Júnior / Historiador / Militância do PCB / Colégio Aplicação / Movimento estudantil da UFSC / Fundação do Grêmio Estudantil do Aplicação / Centro de Cultura Catarinense / Restaurante Universitário / RU / Universidade Federal de Santa Catarina



DANIEL QUEIROZ/ND

CELSO MARTINS

Historiador relata sua militância no PCB

Celso Martins da Silveira Júnior atua no jornalismo de Santa Catarina desde de 1976 e apesar de não ter sido preso também era militante do PCB. "Eu tinha entrado no PCB em meados de 1975, seis meses antes da operação Barriga Verde. O pessoal que estava mapeado e foi preso era o mais antigo", diz. Martins era da base de agitação e propaganda do partido. A resistência tinha duas frentes, uma na Juventude do MDB, que publicava um jornal, e a outra era no movimento estudantil da UFSC.

"Eu nem era mais estudante, saí no segundo ano científico do Colégio de Aplicação. Neste período, eu atuava na fundação do grêmio estudantil do Aplicação. E do Centro de Cultura Catarinense, fundado pela AP (Ação Popular). Eu morava perto da universidade, que era meu quintal de casa. Na verdade era um militante infiltrado. No Colégio de Aplicação conheci o Marcos Cardoso Filho, que foi meu professor", relembra.

No Colégio de Aplicação, Celso Martins chegou a participar da campanha do repeteco no RU (Restaurante Universitário). "Isso deu um alvoroço e logo em seguida veio o repeteco. Também faziam jornais e, na sequência, outra campanha pela melhoria da qualidade da alimentação no RU. E nesse jornal mimeografado eu fiz um editorial falando deste problema da comida", diz. Apesar de o Marcos ser seu professor e ter dado uma vez o Voz Operária do PCB, ele atua junto dos grupos da AP. "Só depois de sair do Exército é que eu me liguei no PCB, pouco antes da operação Barriga Verde", afirma.

Notícias do Dia

Carlos Damião

“Livro aberto”

Livro aberto / Programa / TV UFSC / Editora da UFSC / Entrevistas / Embaixador Bernardo Brito / Iraque: dos Primórdios à Procura de um Destino / Professora / Ione Valle / Homo Academicus / Os Herdeiros / Sociólogo francês / Pierre Bordieu / Universidade Federal de Santa Catarina

Livro Aberto

No próximo dia 10, estreia na TV UFSC o programa Livro Aberto, dedicado ao catálogo da Editora da UFSC. Os primeiros entrevistados foram o embaixador Bernardo Brito, autor de “Iraque: dos primórdios à procura de um destino”, e a professora Ione Valle, tradutora de “Homo Academicus” e “Os Herdeiros”, do sociólogo francês Pierre Bordieu. Livro Aberto será exibido sempre às quintas, às 19h30, e aos sábados, às 15h30.

Notícias do Dia

Carlos Damião

“Praia viva”

Praia viva / Intervenção Praia do Centro / Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura da UFSC / Estudante / Eduardo Piovesan / Universidade Federal de Santa Catarina



A Notícia Ponto de Vista

“Crime ou questão de saúde?”

Crime ou questão de saúde? / Confronto / Policiais / Estudantes da UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Ponto de Vista
José António Baço



AN.com.br/pontodevista kiosanin@yahoo.com

CRIME OU QUESTÃO DE SAÚDE?

Agora que os ânimos arrefeceram, tomo a liberdade usar o confronto entre policiais e estudantes da UFSC como mote para uma análise. Não interessa discutir quem errou ou quem acertou. Isso já fez correr muita tinta nos jornais e parece ser suficiente. A ideia é aproveitar o episódio para reintroduzir a discussão sobre a descriminalização do consumo de drogas.

Não tenho dúvidas de que para muita gente a ideia parece inaceitável logo à partida. E que nem deve haver discussões. Há uma tendência – diria quase generalizada – de criminalização do usuário. Entende-se. Há décadas a ideia está enraizada no inconsciente social e qualquer mudança exigiria um abanão nas mentalidades. Isso não muda de uma hora para outra.



O leitor e a leitora podem perguntar se tenho alguma autoridade para falar sobre o assunto. Não tenho. A minha posição é empírica e resulta da observação de realidades fora do Brasil. Tenho acompanhado o desenrolar dos fatos em países onde houve a descriminalização. E com sucesso, segundo especialistas. Portanto, parece uma alternativa a considerar seriamente.

É natural que a questão desperte paixões. No entanto, preocupa a lógica de tratar o uso de drogas como crime e não do ponto de vista médico. É uma questão de foro íntimo, claro, e cada pessoa é livre para fazer juízos de valor. Mas há um fato indelével: onde as abjeções morais se sobrepõem aos valores científicos, a evolução civilizacional é sempre mais lenta.



Falemos de exemplos. Fico por Portugal, o primeiro país da Europa a descriminalizar o uso de drogas, em 2001. O usuário é considerado um doente crônico que precisa de tratamento. Assim, expressões como “agarrados” (maconheiros) quase desapareceram da semântica do cotidiano. E a polícia já não perde tempo a reprimir os usuários, ficando com tempo para cuidar de coisas mais importantes, como prender os traficantes.

É claro que descriminalizar não resolve o problema das drogas. Mas é uma forma mais civilizada de tratar a questão.



É a vista do meu ponto.

Diário Catarinense

Viviane Bevilacqua

“Um passeio pela antiga desterro”

Um passeio pela antiga desterro / Nossa Senhora do Desterro / Programa Santa Afro Catarina / Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura da UFSC / Roteiro / Viver de Quitandas / Universidade Federal de Santa Catarina

Um passeio pela antiga Desterro

Muito se fala sobre os açorianos que povoaram Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis), seus costumes e sua herança. Mas não foram somente estes imigrantes, vindos lá da Ilha dos Açores, pertencente a Portugal, que fizeram a história desta terra e que merecem ser lembrados e homenageados pelo legado de trabalho e dedicação.

◆ ◆ ◆

Acho muito justo que valorizemos também a contribuição dos negros (escravos e libertos) neste cenário. E é louvável a iniciativa do Programa Santa Afro Catarina e do Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de promover visitas guiadas pelo centro histórico de Florianópolis, lembrando os locais associados à presença dos africanos e afrodescendentes na cidade.

◆ ◆ ◆

A próxima visita guiada – que são sempre gratuitas – ocorre neste sábado, com o roteiro *Viver de Quitandas*. O encontro é aberto ao público, dispensa agendamento prévio e inicia às 9h45min, em um local emblemático do Centro: a figueira centenária da Praça XV de Novembro. Os “passeios pela Florianópolis antiga”, com duração de aproximadamente duas horas, são conduzidos por profissionais e professores das áreas de história e patrimônio cultural.

◆ ◆ ◆

No roteiro, o antigo porto e a Praça de Mercado, o Largo do Palácio e as vias adjacentes, como a Rua Augusta (atual João Pinto) e a Rua do Príncipe (atual Conselheiro Mafra), e vários outros locais de trabalho e socialização de escravos e libertos que desempenhavam atividades relacionadas ao comércio de gêneros alimentícios produzidos na Ilha e comunidades próximas. Uma aula de história ao ar livre. Melhor, impossível.